

DISCURSOS SOBRE O USO DO NOME SOCIAL DE PESSOAS TRANS*¹ EM COMENTÁRIOS ONLINE: VALORAÇÃO E DIALOGISMO

(Discourses on the use of trans people social name in online comments: valuation and dialogismo)*

Maria Lígia Freire Guilherme²
Universidade Federal de Santa Catarina

Maria de Lourdes Rossi Remenche³
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Nívea Rohling⁴
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

RESUMO

Este artigo analisa textos do gênero comentário online (129 comentários) acerca da identidade de pessoas trans. Os comentários são reações-respostas a notícia publicada no Portal G1 sobre a promulgação do Decreto Nº 8.727, que dispõe sobre o uso do nome social por travestis e transexuais em órgãos públicos federais. A análise ancorou-se epistemologicamente nos estudos sobre identidade social e nos escritos do Círculo de Bakhtin, especialmente os conceitos de horizonte apreciativo, valoração e dialogismo. Os resultados apontam uma posição negativa/depreciativa em relação à identidade de pessoas trans*, ancorada em discursos de cunho religioso/moralizante; negação da identidade trans*; posicionamento político partidário.*

Palavras-chave: Comentário online. Discurso, Identidade de gênero. Valoração. Sujeito trans.*

ABSTRACT

This article analyzes texts of the genre online comment (129 comments) that thematize the identity of trans people. The comments are responses to a text from Portal G1 about the promulgation of Decree No. 8.727, about the use of social name by transvestites and transsexuals in federal public agencies. The analysis was epistemologically anchored in studies on social identity and in writings of the Bakhtin Circle, especially the concepts of appreciative horizon, valuation and dialogism. The results point to a negative and derogatory position regarding the identity of trans* people, anchored in religious/moralizing discourses; denial of trans* identity; political positioning.*

Keywords: Online comment. Discourse. Gender Identity, Valuation. Trans people*

¹ O termo Trans* engloba a abreviação de várias palavras que representam identidades de gênero distintas, como transexual, transgênero ou travesti, por exemplo. Sendo assim, para evitar categorizações excludentes, utilizamos o termo guarda-chuva trans* que engloba qualquer identidade de gênero, sem pretensões de categorização. Essa terminologia é utilizada pela pesquisadora e militante da comunidade trans* Jaqueline Gomes de Jesus (2012a, 2012b, 2012c).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: marialigiafreire@gmail.com.

³ Doutora em Linguística pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo-USP; Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: mremenche@utfpr.edu.br

⁴ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: nivear@utfpr.edu.br.

Recebido em: abril 2018
Aceito em: fevereiro 2019
[DOI: 10.26512/les.v20i1.23313](https://doi.org/10.26512/les.v20i1.23313)

INTRODUÇÃO

Com o crescente uso das redes sociais digitais criou-se, nos ambientes virtuais de interação, arena fértil para a produção de discursos e constante (re)criação de identidades. O desenvolvimento da Web 2.0⁵ não só favoreceu o estabelecimento de vínculos e conexões entre diferentes sujeitos, mas também rompeu/quebrou fronteiras geográficas ao fornecer a possibilidade de aproximação entre sujeitos em lugares diferentes. Nessa perspectiva, o ciberespaço “gera novos territórios, identidades e práticas sociais, lugares e não lugares” (NEVES, 2014, p. 58). Além disso, os espaços virtuais de interação possibilitam a manifestação de posicionamentos pelos diferentes sujeitos que interagem nesses espaços-tempo.

Segundo Neves (2014), na internet há várias vozes em constante processo de negociação. Essas possibilidades mencionadas dão ao sujeito contemporâneo novos modos de constituir sua identidade, podendo um mesmo indivíduo participar de diferentes comunidades virtuais e não virtuais, assumindo diferentes identidades. Sobre essa noção de identidades intercambiáveis, Hall (2015, p. 12) afirma:

à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas - ao menos temporariamente.

Essas múltiplas identidades que os sujeitos constituem, por meio de si e da interação com o outro, de acordo com as diferentes práticas sociodiscursivas, podem ser observadas por meio da forma como as pessoas se manifestam em espaços virtuais de interação. A possibilidade de expressão e de interação por meio de páginas do tipo *wiki* e de *blogs*, por exemplo, além dos campos de comentários em diversas plataformas *online*, criam um espaço para a constituição das identidades, uma vez que as novas mídias possibilitam que os sujeitos documentem e explorem suas vidas cotidianas e suas próprias identidades tanto de forma escrita, quanto por meio de imagens, além de outros elementos multimodais (BARTON; LEE, 2015).

Nessa problematização sobre os modos como os espaços de interação online possibilitam novos modos de construção identitária ou, nas palavras de Moita Lopes (2013), novos modos de narrar as nossas vidas cotidianas, neste artigo, apresentamos uma análise de comentários online,

⁵ Por Web 2.0 entende-se “aplicativos da Web que permitam aos usuários criar e publicar seu próprio conteúdo *online*” (BARTON; LEE, 2015, p. 22).

produzidos no *Portal de notícias G1*, acerca de uma notícia sobre o nome social de pessoas trans*, intitulada: “Transexuais e travestis poderão usar nome social no serviço público federal”⁶, que noticia a promulgação do Decreto nº. 8.727 assinado pela então presidenta eleita Dilma Rousseff em 28 de abril de 2016, permitindo o uso do nome social nos órgãos do serviço público federal (universidades federais, ministérios, empresas estatais) por pessoas da comunidade LGBTI⁷.

A análise tem como ancoragem teórica e metodológica os estudos sobre identidade de gênero (JESUS, 2012a, 2012b; BENTO, 2008), bem como a perspectiva dialógica da linguagem, acionando sobretudo conceitos como discurso, enunciado, horizonte apreciativo e valoração a partir dos escritos do Círculo de Bakhtin.

Para tanto, inicialmente delineamos a noção de identidade, sexualidade e gênero e identidade de gênero, mais especificamente a noção de pessoas trans*⁸. Na sequência, são expostos e descritos os dados de análise, seguindo para seção em que discorreremos sobre a acentuação valorativa nos dados analisados, finalizando com as considerações finais.

1. IDENTIDADE(S), GÊNEROS E IDENTIDADES DE GÊNERO

O conceito de identidade tem sido amplamente debatido nos Estudos Culturais (HALL, 2015; SILVA, 2014) bem como na Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2003; 2013) e apontam que, contemporaneamente, as identidades têm sido descentradas, descoladas, fragmentadas. Segundo Hall (2015), as velhas identidades – que costumavam dar estabilidade ao mundo social – estão em declínio, permitindo que surjam novas identidades, acarretando uma fragmentação do sujeito moderno, que até então era concebido como unificado. Nessa perspectiva, as identidades são concebidas como construtos históricos intimamente relacionados às práticas discursivas dos sujeitos. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2015).

Cabe ressaltar que a negação de uma identidade central e única e a noção da multiplicidade de identidades (HALL, 2015) vai ao encontro da concepção bakhtiniana da identidade que se constitui na relação de alteridade, em que a validação do “eu” se dá pelo contato com o “outro”. Segundo a perspectiva bakhtiniana, as identidades se constroem nas relações dialógicas que se tecem no contato

⁶ Fonte: Portal de notícias G1- Disponível em: < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/04/dilma-autoriza-gays-usar-nome-social-no-servico-publico-federal.html> > Acesso em: 26 jul. 2017.

⁷ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e intersexuais.

⁸ Optou-se, nesta pesquisa, por não fazer distinção entre as diversas possibilidades de vivência trans, por isso foi indicado o asterisco para evidenciar a pluralidade, embora haja correntes teóricas/políticas que entendem que a categoria transgênero abarcaria todas.

com o outro. Esse outro, por estar em um local exotópico ao sujeito, e, munido do excedente de visão propiciado por esse lugar privilegiado, é capaz de dar maior acabamento para o eu (BAKHTIN, 1993). Sendo assim, as identidades dos sujeitos não podem ser fixas ou permanentes, uma vez que se renovam e se constroem constantemente no contato com diferentes sujeitos.

Esse conceito de identidade também se relaciona com os estudos de gênero social. Emprestamos aqui a noção de *gênero* em detrimento da de *sexo*, justamente por entendermos que o gênero é construído socialmente e que independe dos órgãos sexuais de um indivíduo, a partir de uma teoria performativa de atos de gênero “que rompem as categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade, ocasionando sua ressignificação subversiva e sua proliferação além da estrutura binária” (BUTLER, 2015, p. 13). Considerando o gênero como os significados sociais e culturais assumidos por um corpo sexuado, Butler (2015) afirma que há uma radical descontinuidade na distinção que se tece entre sexo/gênero – corpos sexuados e gêneros construídos culturalmente. Como afirma a autora: “supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de ‘homens’ se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos” (BUTLER, 2015, p. 26).

A partir dessa perspectiva, é possível compreender os efeitos das imposições sociais e culturais na constituição das identidades de gênero. Quando uma pessoa dá à luz a um bebê e alguém diz “é um menino!”, não se está descrevendo o que é ser um menino, mas sim, criando uma teia de expectativas para aquele corpo que, com o passar do tempo, se constituirá como “menino”; “antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo” (BENTO, 2008, p. 36) e é justamente no anúncio do sexo do feto que a materialidade do corpo passa a ter vida. Quando nasce uma criança, ela/e se deparará com uma trama de intenções, desejos e ansiedades concernentes ao seu futuro, intenções essas que são baseadas em “pressuposições sobre comportamentos, gostos e subjetividades que acabam por antecipar o efeito que se supunha causa” (BENTO, 2008, p. 35).

Faz-se relevante, dessa maneira, buscarmos desvincular atributos fisiológicos do que se entende por gênero. Para Butler (2016, p. 153),

A diferença sexual é frequentemente evocada como uma questão referente a diferenças materiais. A diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas.

A autora, ao fazer essa asserção, enfatiza as propriedades discursivas da constituição dos gêneros. Sendo assim, passamos à noção da performatividade aplicada ao gênero, cunhada por Butler (2015), que entende o gênero como sendo performativo, isto é, resultado de uma sequência de atos – materializados via discurso – que constituem as identidades dos sujeitos. Nesse sentido, o gênero é

sempre um *fazer*, nunca uma condição preexistente ao próprio sujeito. O que comumente acontece, porém, é a imposição de um ideal regulatório de gênero, forçando e condicionando os discursos acerca dos gêneros.

Segundo Butler (2016), o “sexo” é uma construção idealizada que é, de maneira forçada, materializada ao longo do tempo; e as normas que regulam esse “sexo” atuam de forma performativa, com o objetivo de formar a materialidade sexual dos corpos, enfatizando as suas diferenças materiais, na consolidação do que Butler chama de imperativo heterossexual. Em suas ponderações acerca dos estudos de Butler, Salih (2015, p. 94) afirma que o gênero “não acontece de uma vez por todas quando nascemos, mas é uma sequência de atos repetidos que se enrijece até adquirir a aparência de algo que esteve ali o tempo todo”.

Outrossim, cabe retomarmos, neste momento, a relação entre gênero e linguagem. Para Butler (2015), a performatização de gênero, ou seja, o gênero com o qual um sujeito se identifica independentemente de suas características fisiológicas, é constituída por meio da linguagem, indicando que não há um gênero que a preceda. Aqui, temos o fato de que é a própria linguagem que faz o gênero, não o contrário, além da compreensão de que:

não existe um “eu” fora da linguagem, uma vez que a identidade é uma prática significativa, e os sujeitos culturalmente inteligíveis são efeitos e não causas dos discursos que ocultam sua atividade. É nesse sentido que a identidade de gênero é performativa. (SALIH, 2015, p. 91)

O gênero é performatizado e pode ser compreendido como o resultado de uma soma de atos performativos. Assim, cabe adentrarmos na questão das identidades de gênero que extrapolam os limites de gênero impostos pela institucionalização e regulação do gênero, que são enunciadas socialmente, como é o caso, por exemplo, dos sujeitos trans* – neste estudo, optamos pelo uso do termo pessoas trans* com o objetivo de incluir as possibilidades de vivências não cis⁹, abarcando, dentre muitas dessas, as pessoas travestis e transexuais.

Pessoas trans* são aquelas que não se identificam com o gênero biológico lhes designado quando do nascimento, em oposição às pessoas cisgêneras, cuja identidade de gênero corresponde ao gênero determinado no nascimento (JESUS, 2012a). Cabe ênfase no fato de que o gênero de uma pessoa (ser cis, trans*, intersexual etc) não tem vínculo com a maneira com que esse mesmo sujeito manifesta sua sexualidade e suas relações afetivossexuais¹⁰.

⁹ Entende-se como sujeito cisgênero, ou cis, aquele que possui uma conformidade entre a identidade de gênero e o sexo biológico; por exemplo, um indivíduo que possui órgão sexual masculino e se vê como homem.

¹⁰ As manifestações da sexualidade (ser heterossexual, bissexual, homossexual etc) independem das expressões de identidade de gênero, ou seja, uma mulher trans*, por exemplo, ao se envolver afetivamente com outra mulher, seja

O fato de existirem pessoas trans*, com gênero desviantes e móveis da norma padrão imposta pelos discursos sociais e culturais, aponta para o fato de que “não somos predestinados a cumprir os desejos de nossas estruturas corpóreas” (BENTO, 2008, p. 38).

Feitas essas considerações a partir dos estudos acerca da identidade de gênero, a seção seguinte descreve os dados de análise.

2. DADOS DE ANÁLISE: COMENTÁRIOS *ONLINE*

Como mencionado antes, optamos, neste estudo, pela análise de comentários *online* de notícia do *Portal G1*. A notícia selecionada, intitulada “Transexuais e travestis poderão usar nome social no serviço público federal”¹¹, foi escrita pelo jornalista Filipe Matoso e publicada em 28 de abril de 2016, com o objetivo de noticiar a promulgação do Decreto nº 8.727¹², assinado pela presidenta eleita Dilma Rousseff em 28 de abril de 2016. O referido Decreto autoriza o uso do nome social¹³ nos órgãos do serviço público federal (universidades federais, ministérios, empresas estatais) por pessoas da comunidade LGBTI. Além disso, a notícia explica de maneira simplificada a noção de nome social e ressalta que, apesar de a adoção do nome social já estar prevista em regulamentos de alguns órgãos, o Decreto passa a funcionar como regra geral em âmbito federal.

Como é comum nas diversas plataformas de notícias *online*, o Portal G1 disponibiliza um espaço de comentários para suas postagens. Nessa página, em específico, além de comentar, os leitores podem reagir positiva ou negativamente aos comentários de outros usuários – através de botões com símbolos de negativo e positivo – podendo, também, respondê-los. Ainda, o site oferece ao leitor duas opções de leitura dos conteúdos: os comentários podem ser organizados de modo que sejam vistos primeiro os mais recentes ou os mais populares (com maior quantidade de reações positivas ou negativas). Essa notícia possui um total de 129 comentários e a ferramenta de inserção de novos comentários foi desativada.

Cabe ressaltar, a respeito dos comentários *online*, que, conforme Barton e Lee (2015, p. 22), “comentar é um ato importante de se posicionar e posicionar os outros”, e as razões que motivam os usuários a reagirem e escreverem *online* são variadas. Uma notícia sobre um assunto que é de domínio da pessoa e, por consequência, de interesse dela, pode fomentar o desejo pela interação. Em outros

ela cis ou trans*, performará um papel homossexual e caso seu envolvimento seja com um homem (cis ou trans*), ela exercerá papel de heterossexual.

¹¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/04/dilma-autoriza-gays-usar-nome-social-no-servico-publico-federal.html>.

¹² O Decreto 8.727 pode ser acessado via link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8727.htm.

¹³ Nome social é o nome escolhido e utilizado socialmente pelas pessoas cuja identidade de gênero não condiz com o gênero determinado biologicamente. Seu uso é importante, pois gera inclusão e empoderamento às pessoas trans*.

casos, narrativas que defendem posicionamentos políticos e ideológicos contrárias as suas, por exemplo, podem igualmente fazer com que o usuário se sinta compelido a se posicionar, tecendo valorações sobre o assunto.

De acordo com Remenche e Rohling (2013), o gênero discursivo comentário *online* se realiza em diferentes campos de produção e circulação de discursos. Tem sido recorrente em portais de notícias e em redes sociais, constituindo-se em um espaço interlocutivo, aberto ao leitor/interlocutor para a exposição de opinião, considerando as regras sociais e institucionais inerentes à esfera de produção e circulação. Em virtude da possibilidade de apresentar uma contrapalavra, essa interação sociodiscursiva tende a estimular o desabafo e a explicitação de opiniões e formas de representar o mundo bastante subjetivas. Assim, os comentários suscitam atitudes responsivas de refutação, desabafo, apoio, indignação, entre outras, e materializam axiologicamente os diferentes valores sociais.

Ainda na definição de comentário online, segundo Alves e Santos (2013), trata-se de um gênero discursivo que se caracteriza por ser uma resposta a um acontecimento noticiado ou debatido (no caso de artigos assinados, por exemplo) e, principalmente, a outros comentadores, tendo um interlocutor imediato mais específico (o jornalista/articulista, outro comentador, um dos envolvidos no acontecimento etc.), no entanto, seu auditório social é a coletividade de leitores internautas (ALVES FILHO; SANTOS, 2013). O comentário explicita a necessidade de muitos sujeitos em manifestar publicamente suas opiniões e posicionamentos *online assim como revela* a dependência que se tem do olhar do *outro* (NEVES, 2014). Esse “tipo contemporâneo de fragilidade” (NEVES, 2014, p. 74) pode fazer com que o indivíduo tenda a buscar uma exaltação de si próprio e daquilo que acredita, como estratégia para driblar a solidão, uma vez que há uma sensação de pertencimento e coletividade proporcionada pelo ciberespaço, além disso, o ato de escrever *online* contribui para o processo de afirmação identitária, em que cada usuário busca exaltar o que quer ser, em detrimento do que não deseja ser (NEVES, 2014).

Como dito antes, a notícia recebeu 129 comentários. Inicialmente apresentamos uma análise mais ampla e geral desse conjunto de dados, apontando algumas regularidades das reações-respostas e, na sequência, discorremos sobre a análise de um diálogo a partir de um comentário, considerado mais popular, em que se desenvolveu uma conversa entre comentadores a partir de um comentário – é como se os comentadores estivessem em uma sala conversando entre si. Na seção que se segue, a partir da noção de horizonte apreciativo do Círculo de Bakhtin, explicitamos a análise dos comentários online.

3. A ACENTUAÇÃO VALORATIVA EM COMENTÁRIOS ONLINE SOBRE O USO DO NOME SOCIAL DE PESSOAS TRANS*

Em comentários online, uma regularidade central é a acentuação e reacentuação valorativa nos enunciados, uma vez que, segundo Cunha (2012, p. 28), o comentário é

[...] uma prática discursiva que tem seu propósito e suas regras: a partir de um texto fonte, o leitor constrói novos discursos, reacentuando diferentemente os aspectos temáticos, os sentidos múltiplos, explícitos ou subentendidos, ou introduzindo deslocamentos e mudanças de tema.

Desse modo, nesta análise, partimos da concepção bakhtiniana de que os usos da linguagem são de natureza dialógica e axiológica, isso porque a orientação social é uma das forças vivas e organizadoras dos enunciados (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 169). Segundo Pereira e Rodrigues (2014), na busca pela compreensão de como os discursos – materializados via enunciados – refratam e refletem as ideologias vigentes, o Círculo elenca o conceito de valoração, apontando para o “postulado da não neutralidade dos discursos, uma vez que estes são sempre marcados pela valoração de uma dada ideologia” (ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 178).

A base da concepção de valoração é ideológica, além disso, os fenômenos ideológicos possuem uma realidade materializada pelos signos, apontando para a coincidência entre os domínios dos signos e os ideológicos (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014[1929]).

Segundo Volochínov (2013), o enunciado é constituído de uma parte verbal (semiótica) e uma extraverbal, que se relaciona com a situação de interação, ou seja, as condições de produção e circulação do enunciado. Esse horizonte valorativo-axiológico constitui-se de índices sociais de valor, que, de acordo Bakhtin/Volochínov (2004), são elementos essenciais na constituição do signo ideológico; sem os índices valorativos, o signo nada mais é que uma “alegoria”, “objeto de estudo dos filólogos”, “signos ideológicos defuntos” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 46). Só é possível ser considerado signo aquilo que já adquiriu um valor social, uma vez que “a cada etapa do desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objeto de atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 44). Cada signo possui um tema e significação. O tema, que é a realidade que dá lugar à formação de um signo, possui sempre um índice de valor social. É no signo ideológico que se confrontam índices de valor contraditórios. Além do tema – mais precisamente no interior do tema – cada enunciação possui também uma significação e, entre eles há uma relação de dependência, uma vez que “o tema é um *sistema de signos dinâmico e complexo*, (...). A significação é um *aparato técnico para a realização do tema*.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014[1929], p. 134, grifos do autor). Ainda para Bakhtin e Volochínov (2014[1929]), o tema se

concretiza e é compreendido por meio da entoação expressiva, uma vez que é por meio dela que um sujeito de uma dada enunciação manifesta sua apreciação/valoração.

Esse entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel. Dessa maneira, os índices sociais de valor são responsáveis pela constituição do signo, fazendo com que ele se movimente.

Com relação aos índices sociais de valor presentes nos comentários online, podemos dizer que eles se materializam no acabamento estilístico-composicional, nos tons/gestos apreciativos, nos modos de enunciar determinada palavra, no uso de outras materialidades semióticas (imagens, *gifs*, *emojicons*) para compor o projeto discursivo.

Além dessa característica do comentário online, a marcada acentuação da atitude valorativa dos comentadores, cabe ressaltar que o tema que gerou os comentários em tela é também marcado por diferentes horizontes apreciativos de distintos grupos sociais. Assim, os temas ligados às discussões sobre gênero evidenciam-se como uma arena discursiva na visão de Volochínov (2013).

O tema central da notícia selecionada – nome social e comunidade LGBTI – provoca diferentes reações-respostas dos/as leitores/as-comentadores/as, que estão ligadas a posições ideológicas e axiológicas sobre gênero social. Nesse jogo discursivo e ideológico, evidencia-se, como a narrativa dominante, a visão de gênero atrelada à biologia. A partir desse horizonte apreciativo, são consideradas anormais as manifestações de gênero diferentes da determinada quando do nascimento (JESUS, 2012b), por isso, os sujeitos orientados nessa perspectiva tendem a se manifestar contrariamente e, por vezes, de maneira confrontadora ou, até mesmo, violenta.

A partir dessa exposição teórica, sobretudo a noção de horizonte apreciativo nos estudos do Círculo de Bakhtin que orientou a presente análise, passamos à discussão dos comentários selecionados.

De modo geral, os comentários mostram-se contrários ao que é noticiado em relação ao tema nome social, ou seja, os comentadores não concordam com o teor do Decreto, que autoriza o uso do nome social por pessoas trans*. Dos 129 comentários inseridos na referida notícia, 70 são negativos; 28 positivos e 22 são comentários em que a posição valorativa em relação ao tema noticiado não se mostra de modo explícito, em outros termos, não há uma concordância ou discordância explícita¹⁴.

Nos enunciados que se mostram contrários ao decreto – objeto de discurso da notícia publicada e tematizada nos comentários – identificam-se as seguintes regularidades discursivas: a) discordância assentada na religiosidade e moralidade; b) discordância, pautada na negação da nomeação trans* e c) discordância a partir de posições políticas.

¹⁴ Em virtude do espaço desse texto não apresentamos a análise da valoração positiva nos enunciados em tela.

Partindo dessas regularidades, é possível categorizar os comentários de teor depreciativo, organizando-os a partir da predominância de determinado tom/acentuação valorativa, materializado nas escolhas estilísticas, considerando as regularidades mencionadas:

Tabela 1 – Regularidades nos comentários depreciativos

COMENTÁRIOS NEGATIVOS	
ACENTUAÇÃO VALORATIVA	EXEMPLO
NEGAÇÃO DA IDENTIDADE TRANS*	Se sou presidente e alguém trás até a minha mesa uma aberração dessa para eu assinar, mando prender todos que perderam tempo pensando nisso!!!!
	Nome de homem em homem, nome de mulher em mulher, porque ezta o fazendo confusão meu Deus???? É simples demais. Ideologia de gênero é o C A R A L H O!!!!
	Esperar o que de quem não aceita a sua condição biológica? Lamentável!
RELIGIOSIDADE / MORALIDADE	A baixeza tomou conta de nossa sociedade, só encontro paz no templo sagrado.
	E o di.a.bo continua fazendo suas obras pra destruir os valores da família na sociedade! Meu Deus... nós não merecemos isso. Tenho vergonha de tanta imoralidade!
POSICIONAMENTO POLÍTICO	Sinto muito pelos cidadãos de bem desse país, vivemos tempos obscuros nesse desgoverno do PT - Partido das Trevas
	Essa mulher quer transformar o Brasil em uma zona, maior do que está. Ressentida ela devia levar um chute no traseiro o mais rápido possível, pois de uma recalçada podemos esperar tudo!

Fonte: elaborado pelos autores

A partir dessa amostra, apontamos as regularidades que mostraram mais salientes nos dados. No total, foram 42 comentários cujo teor argumentativo predominante foi a negação da identidade trans*; seguidos de 20 ancorados em argumentos de teor religioso/moral; 17 apoiados em argumentos políticos e 2 que apontam para uma hibridização entre categorias, que podem se enquadrar tanto na categoria religiosidade/moralidade quanto no de posicionamento político.

A regularidade mais destacada é a total negação e intolerância para com as pessoas trans*, com 42 comentários. Observamos aqui uma posição pautada na normatividade biológica (*Nome de homem em homem, nome de mulher em mulher, porque ezta o fazendo confusão meu Deus???? É simples demais. Ideologia de gênero é o C A R A L H O!!!!; Aberração; Esperar o que de quem não aceita sua condição biológica?*). Podemos dizer que as noções idealizadas e as expectativas acerca dos comportamentos e aparência fisiológica de um determinado gênero estabelecem hierarquias e geram exclusão àquelas que não se enquadram nesses moldes (BENTO, 2008). Tais valores enraizados na sociedade são os responsáveis por comportamentos preconceituosos e excludentes com

aqueles que possuem gêneros em trânsito e das pessoas trans*, além da patologização¹⁵ da transgeneridade.

Além disso, ao mencionar *ideologia de gênero*, o enunciado revela uma acentuação depreciativa em relação à identidade de gênero, tomando o termo ‘ideologia’ como algo negativo. O uso desse termo [ideologia de gênero] caracteriza uma construção discursiva que emergiu contemporaneamente nos embates entre posições axiológicas distintas no tocante a questões de sexualidade e gênero social. Trata-se de uma expressão cunhada por grupos conservadores para se referir negativamente aos estudos e pesquisas sobre identidade e gênero social com vistas a depreciar e desqualificar tais estudos. Isso porque ao rotulá-los [os estudos] como ‘ideologia’ apaga-se toda uma trajetória de pesquisa nesse campo epistemológico, tomando os estudos como inverossímeis, crença ou “mentira”.

Do ponto de vista discursivo, podemos relacionar o uso desse termo com o que afirma Bakhtin (2014[1934-1935]) sobre as forças que atuam na língua. Existem duas forças opostas e visivelmente contraditórias: as forças centrípetas e as forças centrífugas. A força centrípeta é aquela que regula, normatiza e torna estável a língua, enquanto a centrífuga desestabiliza, dinamiza, relativiza e torna a língua mais plástica. Essas forças podem ser entendidas como dois discursos distintos que atuam na língua, tornando o enunciado a arena em que essas forças se encontram e competem. Podemos aventar que os signos, emergentes nessas arenas discursivas, como é o caso do termo ‘ideologia de gênero’, são construções discursivas que, nesse contexto discursivo-ideológico, atuam na estabilização de práticas identitárias. Nesse caso, de um lado, temos as forças centrífugas que se articulam e mobilizam, pressionando para desestabilizar as identidades de gênero hegemônicas como, por exemplo o Decreto Nº 8.727 – que visa legitimar e dar visibilidade às vivências de gênero distantes da cisnormatividade. De outro lado, há atuação incessante de forças centrípetas com vistas à manutenção das relações de poder que regulam essas hierarquias entre as identidades de gênero, reenunciando discursos que negam as identidades trans, como ocorre com o termo ‘ideologia de gênero’, por exemplo. Os discursos emergentes – como são as vozes sobre gênero e sexualidade – muitas vezes fazem emergir respostas conservadoras, muitas vezes, até violentas na tentativa de manutenção e perpetuação dos ideais dominantes (MOITA LOPES, 2003).

Há também os enunciados, ancorados no discurso religioso ligado à moralidade, que se mostraram contrários. Os comentadores se posicionam contrários a toda discussão acerca da

¹⁵ O discurso patologizante sobre as pessoas trans* se desenvolveu predominantemente em meados do século XX, no âmbito médico, com a inclusão da transexualidade como uma doença de cunho psicológico e sexual. Ainda hoje, no Brasil, para que um sujeito trans* possa se submeter a terapia hormonal e cirurgia de redesignação sexual, deve se submeter ao Processo Transexualizador ao Serviço Único de Saúde (SUS), que cria um diagnóstico daquelas pessoas. Para mais sobre a patologização dos sujeitos trans*, ler Borba (2014).

identidade de gênero mobilizando um tom de moralidade que se materializa na escolha lexical de termos característicos da esfera religiosa (*imoralidade; E o di.a.bo continua fazendo suas obras pra destruir os valores da família na sociedade!*).

Por fim, há a acentuação depreciativa/negativa que se ancora em posições políticas que remetem a aspectos partidários (*desgoverno do PT - Partido das Trevas; Essa mulher quer transformar o Brasil em uma zona..*). Tendo em vista que o Decreto foi uma proposição da então Presidenta Dilma Rousseff, os comentaristas endereçam à presidenta e ao seu partido (PT) sua refutação/negação e o fazem de modo depreciativo, agressivo e violento. Os comentários evidenciam um tom que remete à misoginia e sexismo ao utilizar termos disfóricos como em: “*Ressentida ela devia levar um chute no traseiro o mais rápido possível, pois de uma recalcada podemos esperar tudo*”.

A análise revela que a maioria dos comentários apresentam as regularidades elencadas, contudo há enunciados em que se observa um hibridismo das categorias relativas à religiosidade/moralidade quanto ao posicionamento político (*Nenhum evangélico vota no PT (Partido das Trevas; Muitos evangélicos prestarão contas ao Senhor por votarem no PT, um partido que blasfema a fé cristã)*).

Isso evidencia que embora seja possível apontar essas regularidades (religiosidade/moralidade; negação de gêneros dissidentes e posicionamento político), as orientações valorativas se sobrepõem e hibridizam-se nos enunciados, que negam o gênero de forma contundente e sem ressalvas, seja por questões de normatividade identitária, moralidade, posicionamento político ou, ainda, a soma de tudo isso. Há, desse modo, uma negação – que se materializa a partir de um *tom autoritário*, como diz Bakhtin (2014[1934-1935]), a *palavra autoritária* é aquela que exige nosso reconhecimento incondicional. Ela entra na consciência verbal como uma massa compacta e indivisível. É preciso confirmá-la por inteiro ou recusá-la na íntegra. Assim, não é possível separá-la, aprovar um, aceitar o outro, recusar totalmente o terceiro. Bakhtin cita como exemplos de palavra autoritária a religiosa, a política, a moral, a palavra do pai, a palavra dos adultos, dos professores (BAKHTIN, (2014[1934-1935]), p. 143-144).

A seguir, centramos a discussão na análise do comentário mais popular¹⁶, o comentário 1 (“*Justo!*”), com 68 reações positivas e 13 negativas, até o momento de elaboração deste texto, e as 18

¹⁶ O Portal de Notícias G1 permite que o leitor, ao acessar a seção de comentários, os visualize de dois modos distintos: ou por ordem cronológica de publicação ou que os comentários sejam organizados por popularidade. A ferramenta de comentários dá a possibilidade de interação pelo leitor, com a opção “curtir” ou “descurtir”. Sendo assim, quando o leitor opta pela organização dos comentários com o critério da popularidade, os comentários com maior quantidade de curtidas serão colocados primeiro. Em determinada parte da análise apresentada, discorreremos sobre o comentário mais popular, ou seja, com maior quantidade de curtidas e as reações-respostas a esse comentário considerado o mais popular.

respostas que esse comentário teve – totalizando 19 comentários –, estabelecendo uma espécie de diálogo, que pode ser observado na tabela¹⁷ a seguir.

Tabela 2 – Comentário mais popular da notícia e suas respostas

	COMEN- TADOR	COMENTÁRIO	POS.	NEG.
1	A	Justo!	68	13
2	B	Provavelmente vc anda com a escória da sociedade e por isso se identificou. Viva Ustra e Viva a República de Curitiba.	8	36
3	A	Eu defendo pessoas e seus direitos de serem o que quiserem ser. Já vc, provavelmente é um e s t ú p i d o que tomou conhecimento de Ustra esses dias. Melhor!	26	4
4	B	Leia a Bíblia e reveja seu círculo social! Se vc ainda não contraiu DST ainda há tempo!!	3	23
5	A	Deixa de ser e s t ú p i d o. Ninguém é obrigado a aceitar a sua religião. Sou casado, tenho esposa e filhas maravilhosas. Meu círculo social não se resume a andar com Bíblia debaixo do braço!	16	3
6	B	Vc defende as aberrações e a escória da sociedade!! Que Deus te ilumine!	7	29
7	C	kkkk se agridem por causa de outros, quanta bobagem	4	8
8	D	É a velha mania de se preocupar com a vida alheia mais do que com a própria, nem que pra isso tenha que usar uma Bíblia e dizer que o próprio Deus é do seu partido... comportamento digno de pena. Se eu fosse fanático religioso diria que era heresia.	6	1
9	E	Escória da sociedade são pessoas intolerantes, que não tem o minimo de respeito pelo próximo. Isso é apenas o DIREITO de ser chamado, se portar, se vestir, SER, quem quiser. Livre arbítrio irmãos. Bjs de luz.	7	4
10	D	De passagem: a Bíblia é o conjunto de livros mais heterogêneo que se pode encontrar, reunido artificialmente: ao mesmo tempo que condena a homossexualidade e o adultério, vangloria o rei Davi, que tinha um harém, mandou o amigo para a morte para ficar com a esposa dele, mas no fim de tudo amava mesmo, homossexualmente, seu outro amigo com amor incomparavelmente maior do que "amor de mulher"....	4	3
11	A	Exatamente E	1	2
12	A	C, Regiane, não estou agredindo ninguém! Tenho o direito de defender quem eu acho que deve ser defendido e devo ser respeitado por isso!	1	2
13	E	RESPEITO, essa é a palavra! Senhores fanáticos religiosos, intolerantes e pessoas do mesmo nível... vão ler um pouco, estudar não é ruim. Assim poderíamos cogitar a possibilidade de viver em uma sociedade melhor.	4	2
14	B	Se um dia vc desencalhar vai entender o valor que tem um PAI DE FAMÍLIA e um CIDADÃO DE BEM.	2	2
15	E	E o que é ser um pai de família? Sustentar todos da casa? Minha mãe fez isso, sozinha! Posso chama-la de pai?	3	1
16	B	Outra enalhada!!! É de família!!! Deus ilumine seu caminho!	0	2
17	B	Fica evidente que vc não é uma moça de família!!!	0	4
18	F	o papa da tua religiao liberoo parada g a yy no vatican ????	3	6

¹⁷ O Portal G1 exige que os leitores façam um cadastro para que possam comentar suas publicações, sendo assim, os comentários são identificados. Com vistas a não identificar os comentaristas, indicamos os comentários/comentaristas por letras (A, B, C etc). Representamos os comentários, na tabela, na ordem em que estão dispostos no site e utilizamos cores diferentes para cada comentarista, como recurso visual para facilitar a análise e observação dos dados.

19	G	Procurando o cidadão de bem dito pelo Hector aqui, pera não achei, só achei um hipócrita preconceituoso que espalha ódio pela internet! Coitado deve ter uma vida tão ruim que fica atacando os outros na internet para se sentir menos bosta.	12	2
----	---	--	----	---

Fonte: elaborado pelos autores

O comentário mais popular demonstra concordância com as medidas protetivas vinculadas na notícia e suscita diferentes reações. Por meio de uma única palavra, que constitui um enunciado na perspectiva bakhtiniana - “*Justo!*” -, o comentarador evidenciou seu apoio ao Decreto nº 8.727, que autoriza o uso do nome social nos órgãos do serviço público federal. Essa palavra diretiva e sintética posiciona o comentarador não só em relação ao decreto, noticiado na matéria jornalística, bem como evidencia sua posição em relação a comunidade LGBTI, que é reconhecida por meio do referido Decreto. Esse enunciado provocou ressonâncias e fez com que os interlocutores, participantes daquela situação interlocutiva, não só respondessem ao comentário, mas também se posicionassem.

No comentário (1), que chamamos de comentário principal – uma vez que os demais comentários são uma resposta a esse primeiro – o comentarador expressa valoração positiva aos fatos noticiados ao fazer a asserção “*Justo!*”. A partir dessa resposta-ativa, iniciou-se um diálogo com as respostas a esse enunciado, como pode ser observado na tabela 1, em que comentaradores (incluindo o autor do comentário principal) dialogam.

A quantidade de reações positivas e negativas a um determinado comentário pode ser um indicador de como aquele posicionamento foi aceito ou não pelos leitores. O comentário principal atingiu 68 reações positivas e apenas 13 negativas, dando a entender que a maior parte dos leitores – e que tiveram a iniciativa de se manifestarem – concordam com asserção favorável do comentarador A.

A primeira resposta que o comentário principal teve, contudo, mostrou-se uma reação negativa por parte do comentarador B à valoração positiva feita por A no comentário (1). Sendo assim, o comentário (2), em que o comentarador B afirma: “*Provavelmente vc anda com a escória da sociedade e por isso se identificou. Viva Ustra e Viva a República*”, demonstra o posicionamento valorativo e ideológico assumido por esse comentarador, ao se referir às pessoas trans* como a “escória da sociedade”; ademais, seu dizer deixa implícita sua concepção de que para que um sujeito seja a favor de causas sociais e o respeito aos direitos humanos, deve, necessariamente, fazer parte desse grupo. O comentário mobiliza signos ideológicos que acionam certo horizonte ideológico (*Viva Ustra e Viva a República de Curitiba*) que remetem ao Coronel do Exército Brasileiro, ex-chefe do DOI-CODI, uma delegacia de polícia acusada de ser palco de mais de 40 assassinatos e de, pelo menos, 500 casos de torturas, ou seja, um espaço-tempo de intolerância e de supressão de direitos civis e de expressão.

Considerando os pressupostos teóricos bakhtinianos, que entende o discurso como “a língua em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2015 [1963], p. 207), podemos também verificar no comentário (2) supracitado a presença de relações dialógicas e bivocalidade que se tecem no processo de enunciação daquele sujeito. As relações dialógicas, segundo a perspectiva bakhtiniana,

são irreduzíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que *por si mesmas* carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas. (BAKHTIN, 2015[1963], p. 209, grifos do autor)

Já a bivocalidade, ou o discurso bivocal, emerge sob as condições da enunciação dialógica e de vida autêntica da palavra e aponta para a potencialidade da palavra de abarcar discursos outros (BAKHTIN, 2015 [1930-1936]).

Os posicionamentos de B sobre o tema da notícia e o posicionamento do/a comentador/a A, observáveis também nos comentários (4), (14), (16) e (17), com menções à religiosidade e indicação de pessoas trans* como sendo “aberrações” e portadores de “DST”, evidenciam que a liberdade de expressão e posicionamento, muitas vezes, é confundida com o discurso de ódio, que, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), “encontra-se em uma conexão complexa com as liberdades de expressão, individual, de grupo e os direitos das minorias, bem como conceitos de dignidade, liberdade e igualdade” (UNESCO, 2015, p.10, tradução nossa¹⁸). A enunciação da pessoa trans* como uma aberração ou como portadora de doenças sexualmente transmissíveis remete e reenuncia os discursos de patologização da identidade trans*. Na década de 1980 concretiza-se o processo de definição da transexualidade como doença, com sua inclusão em documentos médicos internacionais como sendo um “Transtorno de Identidade de Gênero” (BENTO; PELÚCIO, 2012). Nesses documentos (DSM-IV, CID-10 e SOC), essas pessoas são compreendidas como portadoras de peculiaridades comuns que as definem como transtornadas, como afirmam Bento e Pelúcio (2012, p. 571):

As performances de gênero, a sexualidade e a subjetividade são níveis constitutivos da identidade do sujeito que se apresentam colados uns aos outros. O masculino e o feminino só se encontram por intermédio da complementaridade da heterossexualidade. Quando há qualquer nível de descolamento, deve haver uma intervenção especializada, principalmente de algum especialista nas ciências psi, para restabelecer a ordem e a “coerência” entre corpo, gênero e sexualidade. É esse mapa que fornecerá as bases fundamentais para a construção do diagnóstico de gênero.

¹⁸ Tradução nossa para: *Hate speech lies in a complex nexus with freedom of expression, individual, group and minority rights, as well as concepts of dignity, liberty and equality.* (UNESCO, 2015, p. 10).

Dito isso, fica evidente a relação entre o entendimento comum sobre a transgeneridade como sendo um desvio da norma, com base em uma série de dizeres médicos oficiais que reforçam e legitimam essa noção.

Além de ser possível perceber sua valoração negativa e discriminatória sobre/para a comunidade LGBTI como um todo, cabe adentrarmos um pouco mais nas afirmações tecidas ainda em (2), que registram sua tentativa de delineamento de sua identidade (contrária à comunidade LGBTI) e demarcação de seu lugar de fala – que é, além de tudo, político e ideológico. A partir da expressão “*Viva Ustra e Viva a República de Curitiba*”, ainda em (2), podemos verificar como discursos já ditos se mesclam para a constituição desse enunciado. Considerando o contexto político brasileiro na época em que a notícia foi publicada, é possível observar a intenção enunciativa de demarcação de posicionamento político e ideológico por parte de B.

O militar Carlos Alberto Brilhante Ustra foi considerado pela Justiça brasileira como torturador durante o período da ditadura militar e, mesmo com sua morte em 2015, a fama das atrocidades cometidas por ele permanecem. Em 17 de abril de 2016 – dias antes da data de publicação da referida notícia – o nome de Ustra foi citado pelo deputado Jair Bolsonaro, do PSC (Partido Social Cristão), em homenagem ao militar durante a votação do processo de *impeachment* da presidenta eleita Dilma Rousseff, presa política e torturada durante a ditadura militar brasileira.

Assim, a fala “*Viva Ustra*” denota a elaboração de um interdiscurso, tendo em vista que remete a um enunciado já dito, a saber, ao pronunciamento do referido Deputado, em apoio à ditadura militar e ao processo de afastamento de Dilma Rousseff da presidência da República ocorrido em 2016, apoio esse também perceptível pelo uso da expressão “*Viva a República de Curitiba*”. Essa expressão¹⁹ passou a ser utilizada, como indicativo de ufanismo local, especificamente no estado do Paraná, constituindo um novo tipo de identidade (COISSI, 2016), não só a partir da demarcação de orgulho regional, mas também como delimitação de posicionamento político.

Esse interdiscurso é identificado, apontado e acentuado pelo comentador A, quando afirma que “[...] *Já vc, provavelmente é um e s t ú p i d o que tomou conhecimento de Ustra esses dias. Melhore!*”. Aqui se intercala uma outra situação de interação, que é a fala do Deputado Jair Bolsonaro por ocasião da votação do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Infere-se que para o comentador A, o comentador B tomou conhecimento da existência de Ustra, bem como de sua carga simbólica, por intermédio desse enunciado proferido nesse contexto político de 2016 e não por um conhecimento da história da ditadura no Brasil e de um repertório político ampliado. Ao fazer essa

¹⁹ A expressão “República de Curitiba” foi enunciada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em conversa telefônica com a presidenta eleita Dilma Rousseff interceptada e divulgadas na imprensa durante as investigações da Operação Lava Jato, da Polícia Federal, cuja sede é Curitiba, Paraná (COISSI, 2016).

afirmação, o comentador A materializa sua apreciação valorativa ao selecionar o léxico ‘estúpido’ para fazer referência ao comentador B e, além disso, imprime uma entonação ao grafar a palavra ‘estúpido’ de modo destacado registrando separadamente as letras.

A menção a esses signos ideológicos (*Ustra e República de Curitiba*) tem relação com a afirmação de Volochínov (2013), de que a parte verbal de um enunciado está, pois, intimamente, ligada a uma dimensão extra verbal a uma situação de interação específica e situada em um quadro social e ideológico mais amplo. Assim, a inserção desses signos (e não outros) no interior do comentário-resposta não se deve ao acaso, não se situa num vácuo social, antes de tudo estabelece uma relação dialógica e valorativa, que envolve o enunciado produzido, com vistas a estabelecer o lugar de quem fala, o conjunto de valores que defende e a ideologia que reproduz.

A presença desses discursos aponta para a noção de bivocalidade explicitada na perspectiva bakhtiniana. Ao renunciar *Viva Ustra*, por exemplo, o comentador assume esse posicionamento que não é somente seu, mas se constitui como um discurso já dito e dá novos contornos valorativos ao relacionar esse enunciado, proferido em outro espaço-tempo, ao tema em pauta – nome social - e à comunidade LGBTI. Para Bakhtin, os enunciados evidenciam bivocalidade quando “apesar das diferenças substanciais, todos esses fenômenos têm um traço comum: aqui a palavra tem duplo sentido, voltado para o objeto do discurso como palavra comum e para um *outro discurso*, para o *discurso de um outro*” (BAKHTIN, 2015 [1963], p. 212, grifos do autor), o que significa assumir a dupla orientação inerente ao discurso. Ao enunciar-se desse modo, o comentador replica, reenuncia discursos já-ditos sobre a comunidade LGBTI e sobre os direitos desses sujeitos.

Por fim, vale destacar outro termo que remete a esse horizonte apreciativo apresentado até aqui, trata-se da referência à “pessoa de bem”. Esse termo também emergiu em outros comentários e tem sido amplamente utilizado para fazer menção a pessoas cuja orientação apreciativa se mostra contrária a toda discussão/ debate sobre a noção de identidade de gênero.

A análise dos comentários online não só joga luzes sobre a valoração negativa e discriminatória direcionada à comunidade LGBTI como um todo, mas também, em muitas situações, verifica-se que as diferentes “verdades”, a liberdade de expressão e posicionamento de um sujeito fratura a liberdade do outro e acaba por se constituir em discurso de ódio e intolerância, ganhando contornos de violência verbal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aqui empreendida evidenciou algumas regularidades discursivas de teor depreciativo, e possibilitou a organização a partir da predominância de tom/acentuação valorativa e a categorização dos comentários, considerando: a) discordância assentada na religiosidade e

moralidade; b) discordância, pautada na negação da identidade de gêneros, a saber do sujeito trans*; e c) discordância a partir de posições políticas. A análise evidencia a total negação e intolerância para com a noção de identidade de gênero, ou seja, a negação dos sujeitos trans*. E põe em relevo posicionamentos preconceituosos e excludentes com aqueles que possuem identidades de gêneros em trânsito e de pessoas trans*, além da patologização da transgeneridade.

A negação da identidade de gênero, seja por questões de normatividade identitária, moralidade, posicionamento político ou, ainda, pela soma de tudo isso é confirmada pela análise das contrapalavras ao comentário mais popular em que se identificam relações dialógicas e bivocalidade que se tecem no processo de enunciação. Verifica-se também que, nessa diversidade de coesão, muitos sujeitos utilizam esse espaço-tempo para demarcar seus posicionamentos políticos e ideológicos, além da constituição de aspectos próprios de suas identidades por meio de valorações e da reenunciação de discursos já ditos.

Cabe enfatizar, ainda, que a análise desenvolvida no presente estudo abre uma janela para pesquisas futuras e não pretende englobar todas as possibilidades de manifestações valorativas e ideológicas observáveis. Este estudo, contudo, mostra-se relevante por sua tentativa de gerar inteligibilidades positivas acerca da comunidade LGBTI, especialmente para as pessoas trans*, explicitando discursos contrários e desfavoráveis à comunidade, e, dessa forma, evidenciando a importância de problematização constante sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA PEREIRA, R; RODRIGUES, R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n1/11.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2017.
- ALVES FILHO, F.; SANTOS, E. P. O tema da enunciação e o tema do gênero no comentário online. *Revista Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 10, n. 12, p. 78-90, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e estética: a teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini [et al]. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014[1934-1935]
- BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato*. Tradução do inglês de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. Austin: University of Texas Press, 1993.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015 [1963].
- BAKHTIN, M. M. *Teoria do Romance I: a estilística*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. Editora 34: São Paulo, 2015 [1930-1936].

BAKHTIN, M. M.; [VOLOCHÍNOV, V. N]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 16ed. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014 [1929].

BARTON, D.; LEE, C. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Tradução Milton Camargo Mota - 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BENTO, B. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BENTO, B.; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 256, maio/ago. 2012.

BORBA, R. *(Des)aprendendo a "ser": trajetórias de socialização e performances narrativas no processo transexualizador*. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2014.

BRASIL. Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm. Acesso em: 26 jul. 2017.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

COISSI, Juliana. Expressão 'República de Curitiba' cria onda de orgulho regional no Paraná. *Gazeta do Povo*, <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/03/1755017-expressao-republica-de-curitiba-cria-onda-de-orgulho-regional-no-parana.shtml>, Acesso em: 26 jul. 2017.

CUNHA, D. C. da. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na Web. *Revista Investigações*, Recife, v. 25, n. 2, p. 21-41, jul. 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

JESUS, Jaqueline G. *Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros para formadores de opinião*. Brasília, Fundação Biblioteca Nacional, 2012a. Disponível em: https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTAÇÕES_POPULAÇÃO_TRANS.pdf?1334065989 > Acesso em: 26 jul. 2017.

JESUS, J G. Identidade de gênero e políticas de afirmação identitária. In: *VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero. Anais*. Salvador: Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, 2012b. 15 p.

MATOSO, F. "Transexuais e travestis poderão usar nome social no serviço público federal" In: *GL*. 28/04/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/04/dilma-autoriza-gays-usar-nome-social-no-servico-publico-federal.html>. Acesso em: 26 jul. 2017.

MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

MOITA LOPES, L. P. da (org.). *Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

REMENCHE, M. de L.; ROHLING, N. O horizonte valorativo em enunciados do gênero comentário online: uma escuta dialógica. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 1460-1475, out. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2016v13n3p1460/32713>. Acesso em: 26 jul. 2017.

SALIH, S. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

UNESCO. *Countering online hate speech*. Paris: Unesco Publishing, 2015.